



A PERCEPÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS ATIVIDADES COTIDIANAS

Sissi A. Martins Pereira; Gisele M. Costa Souza; Valéria Nascimento L. Pires

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PIBIC/UFRRJ) - sissimartins@terra.com.br

1- INTRODUÇÃO

Ao investigar as relações sociais estabelecidas em nossa sociedade, percebemos ainda uma acentuação de papéis, determinadamente, masculinos e femininos, calcados em uma construção ideológica que se estrutura de forma sistemática, no qual os primeiros anos de vida são fundamentais em tal processo. Em outras palavras, existe um mecanismo de formação e padronização de comportamentos baseado em características identificadas como masculinas e femininas que são consideradas apropriadas para homens e mulheres, acarretando em uma incorporação dessas informações ao senso comum.

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas ‘naturalmente’ femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de ‘naturais’ de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo de anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente. (AUAD, 2006, p. 19)

Os estudos nessa área discutem as relações de gênero e, muitas vezes, os termos sexo e gênero são, equivocadamente, confundidos. A palavra sexo é empregada para referir-se às diferenças biológicas entre homens e mulheres, enquanto que o termo gênero caracteriza uma construção social, e se refere às características femininas e masculinas, que, constantemente, são reforçadas na sociedade.

Os estudos na área de gênero buscam revelar, compreender, debater questões relacionadas à construção cultural sobre o que é ser homem ou mulher e desconstruir determinados paradigmas engessados em nossa cultura, frutos de uma herança histórica do período fortalecido pelo patriarcalismo¹ e que ainda estão presentes na atualidade. (PEREIRA, 2009, p. 412)

Assim, são criados estereótipos que definem socialmente o que é ser homem e ser mulher. Estereótipos de gênero consistem em generalizações que se estabelecem a partir de comportamentos

¹ Fato histórico que, a partir de então, o mundo começou a pertencer aos homens, fundando-se o patriarcalismo, base do machismo e da ditadura cultural do masculinismo (Muraro e Boff, 2010, 54).



que uma pessoa manifesta acerca de um grupo e, conseqüentemente, considera que todos do grupo seguem os mesmos padrões, representando um importante papel nas avaliações das pessoas, geralmente, equivocadas. Os estereótipos estão relacionados às crenças relacionadas a atributos e comportamentos de pessoas ou grupo que são generalizados como se todos possuíssem as mesmas características e se comportassem da mesma maneira. “Uma característica marcante dos estereótipos é a capacidade de promover a cristalização de percepções e valores, mesmo face à evidência de informações contrárias, o que faz com que se associe determinado estereótipo à característica de verdade absoluta” (SILVA, 2007, p.13-14).

Esse tipo de incorporação se inicia em muito tenra idade. As crianças escolhem, entre diversas dimensões de personalidade aceitáveis, apenas o subgrupo definido como aplicável ao seu próprio sexo e, deste modo, define-se a predominância de indivíduos tipificados sexualmente.

Depois de atingir a maturidade do seu sexo biológico, grande parte das crianças passa a identificar-se com pessoas do mesmo sexo, resultando nas expectativas sociais, concretizadas em atitudes e comportamentos considerados adequados em função do gênero. Uma vez que a identidade masculina ou feminina se estabeleça, desempenha uma forte e continua influência, fazendo com que sejam buscados sinais visíveis de masculinidade ou feminilidade, culturalmente definidos.

O significado das representações simbólicas incorporadas na infância sobre os papéis sociais de homens e mulheres solidificou a opção pela pesquisa, que teve por objetivo investigar os estereótipos de gênero presentes na educação de crianças e jovens, de escolas particulares e públicas de ensino fundamental da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

2- Metodologia

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, porquanto se apoia em uma metodologia indutiva através da relação entre categorias de dados. O foco está na essência dos fenômenos. Os métodos mais comuns de coleta de dados na pesquisa qualitativa são as entrevistas e a observação. A análise dos dados se baseia na organização, abstração, integração e síntese (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

A amostra foi composta de 82 crianças e adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 42 do sexo feminino, com idades entre 8 e 17 anos, selecionadas aleatoriamente em quatro escolas



públicas de ensino fundamental na área de abrangência da Zona Norte (1), Zona Oeste (2) e Baixada Fluminense (1); e uma escola particular da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram uma adaptação do Teste de Estereótipos de Gênero nas Atividades Motoras - TEGAM (Pereira, 2004) e de entrevistas aos sujeitos da pesquisa. O TEGAM é um instrumento constituído por 18 itens, compostos de imagens e descrições de jogos e brincadeiras típicos da infância que são avaliados como adequados para meninos e meninas. Na adaptação proposta, as descrições de jogos e brincadeiras foram substituídas por atividades cotidianas e profissões realizadas por homens e mulheres classificadas como típicas de um ou outro sexo.

O processo de adaptação do TEGAM envolveu três etapas. Na primeira foram levantadas as atividades desempenhadas por homens e mulheres com a participação de 82 crianças, selecionadas aleatoriamente nas escolas selecionadas. Aos(as) alunos(as) foram feitas perguntas sobre atividades realizadas no dia-a-dia das pessoas que eles(as) conheciam. Em seguida, foi solicitado que escrevessem as profissões e as atividades cotidianas que lembravam, tendo como referência aquelas realizadas por seus pais, familiares e conhecidos. Os inquiridores adotaram o cuidado de nunca fazer referências às atividades (para não induzir respostas) e, durante a sessão, evitaram falas em simultâneo para não prejudicar os registros de áudio. A segunda etapa de adaptação do TEGAM envolveu a análise e enumeração das atividades típicas de homens e mulheres citadas pelos alunos e a sua inclusão no instrumento em substituição às atividades originais. Por fim, na terceira etapa do processo de adaptação, o instrumento adaptado foi submetido a um painel de quatro especialistas visando a readequação, em conformidade com suas críticas e sugestões, a partir da qual foi realizado um piloto com 20 sujeitos de outra escola para averiguação de sua validade semântica.

Na fase seguinte da pesquisa, o instrumento foi aplicado a 82 crianças escolhidas por meio de nova seleção aleatória (40=M e 42=F) nas mesmas escolas em que ocorreu o processo de adaptação do TEGAM. O protocolo de aplicação adotado envolveu a apresentação das atividades cotidianas escritas em um cartão, individualmente a cada aluno(a). Os alunos indicaram se percebiam a atividade tipicamente desempenhada por homens, por mulheres ou por ambos. As atividades que eram apontadas para ambos os sexos foram descartadas pelo pesquisador. No caso de a atividade ter sido apontada apenas para um sexo, foi solicitado que o participante descrevesse o(s) motivo(s) de o outro sexo não desempenhar tal função. As informações foram registradas por escrito e, mediante processo de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), foram categorizadas em função da natureza dos estereótipos.



Antes da realização de todas as etapas da pesquisa procedeu-se à solicitação de assentimento institucional e consentimento dos participantes e responsáveis através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido TCLE, de acordo com a Resolução 466/2012/CNS.

3- Resultados

Os dados obtidos através da aplicação do TEGAM adaptado foram interpretados e apontaram a percepção dos estereótipos de gênero na amostra participante. Inicia-se a apresentação dos resultados com as respostas das 42 meninas a respeito das atividades cotidianas desempenhadas pelos sexos masculino e feminino e, na sequência, as respostas dos 40 meninos. Vale lembrar que cada participante poderia apresentar mais de uma característica que, posteriormente, foi categorizada como estereótipo.

3.1- Respostas das meninas

Na sequência, serão apresentadas as respostas das meninas participantes da amostra.

Quadro 1- Atividades tipificadas por sexo de acordo com as meninas

Atividades cotidianas masculinas	Ocorrências	%	Atividades cotidianas femininas	Ocorrências	%
Capinar	30	71%	Arrumar a casa	23	55%
Colocar a mesa	23	58%	Cozinhar	36	86%
Comprar pão	16	38%	Cuidar dos filhos	39	93%
Jogar o lixo fora	5	12%	Cuidar dos irmãos	24	57%
Lavar a casa do cachorro	5	12%	Lavar louça	31	74%
Pagar as contas	10	24%	Lavar o banheiro	27	64%
Passar com o cachorro	37	88%	Lavar a roupa	27	64%
			Passar a roupa	29	69%
			Tirar pó dos móveis	25	59%
			Varrer a casa	29	69%

As meninas, ao serem questionadas sobre os atributos mais comuns nos homens, apresentaram os estereótipos referentes às atividades cotidianas consideradas masculinas: *forte*,



habilidoso, malandro, desocupado, mulherengo, desorganizado, bagunceiro e provedor. Em relação aos estereótipos femininos apresentados por elas foram: *vaidosa, delicada, ocupada*.

Ainda segundo as meninas, as atividades braçais como capinar, devem ser desenvolvidas pelos homens, pois são mais *fortes* (42,8%) e tem *habilidade* (28,5%), além de que as mulheres são *vaidosas* (42,8%) e *delicadas* (21,4%) para realizar esse tipo de tarefa. Essa percepção reforça a ideia de que características estereotipadas ligadas ao sexo estejam relacionadas diretamente com as habilidades e condições físicas necessárias ao desenvolvimento de determinada tarefa, como salienta Silva (2007, p.13): “o estereótipo implica uma tendência em enfatizar o que há de similar entre pessoas, objetos ou situações, não necessariamente similares, e, a partir desse construto perceptivo, nortear atitudes e comportamentos” (p.13). Ou seja, nem sempre esses estereótipos criados correspondem com a realidade individual de cada pessoa, portanto, nem toda mulher ou homem apresentam características condizentes com seu sexo para a realização de atividades cotidianas, mas, na percepção das crianças participantes do estudo, esse entendimento se apresenta de forma estereotipada, de acordo com o que a sociedade espera de cada sexo.

Foi criada uma categoria ‘espaço público’ para caracterizar alguns depoimentos que representam a percepção de que o homem sai para a rua enquanto a mulher realiza tarefas domésticas. Como exemplo, podemos citar: “_a mulher faz o café e o homem compra o pão”, “_é mais seguro para o homem andar sozinho pela rua”, entendimento partilhado por 19% das meninas, assim como percebem o homem *mulherengo*, motivo que justifica o gosto de ir para a rua. Na concepção de 38% das meninas, os homens são *desorganizados* e de 28%, *bagunceiros*, e por isso, a tarefa de guardar as roupas deve ser deles, pois, possivelmente, se consideram que os homens desorganizam a casa, imputam-lhes a tarefa de reorganizá-la. Ainda, justificado pela *vaidade* (42,8%) e *delicadeza* (21,4%) características das mulheres e reconhecidas por elas, as alunas atribuíram aos homens a tarefa de jogar o lixo fora e lavar a casa do cachorro. Pagar contas é de responsabilidade dos homens, de acordo com 24% das meninas. Na percepção de algumas mulheres, ainda persiste a ideologia de que o homem é o *provedor* da família, conquanto contemporaneamente muitas compartilhem tal responsabilidade.

O papel fundamental da mulher na casa dá-se, portanto, dentro de uma estrutura familiar em que o homem é essencial para a própria concepção do que é a família, porque a família é pensada como uma ordem moral, onde o homem representa a autoridade. Mesmo quando ele não provê a família, sua presença 'desnecessária' continua necessária. (SARTI, 1994, p. 49).

Novamente aparece o homem ocupando o espaço público para 28,5% das meninas, ao



declararem que ele deve assumir a responsabilidade de levar o cachorro para passear. Para 23,8% o senso comum explica o porquê de o homem desempenhar tal tarefa. Para 88% das meninas, é ele quem deve sair com o cachorro porque os homens são *malandros*, possivelmente, porque não fazem quase nenhuma atividade doméstica, então devem, pelo menos, cumprir tal tarefa. Observou-se que as atividades realizadas fora de casa como: capinar, comprar pão, jogar o lixo fora, passear com o cachorro e pagar contas são consideradas, pelas meninas, como de responsabilidade do homem, ou seja, o domínio do espaço público ainda continua a ser percebido pelas meninas, como sendo destinado aos homens, como confirma Coutinho (2000):

Desde logo, aos homens passa a caber o espaço público da produção e às mulheres é atribuída a responsabilidade pela reprodução em todas as suas formas, isto é, seu trabalho como 'reprodutora' é naturalizado e a elas passam a caber a execução e a supervisão de uma série de tarefas conhecidas como 'trabalho doméstico' e que se realizam no âmbito da unidade familiar (p.3).

Para as meninas, as atividades ligadas ao cuidado com a casa e com as crianças, são de responsabilidade das mulheres. Arrumar a casa também é uma atividade considerada feminina, porque os homens são *desorganizados* (21,4%), ao passo que as mulheres são *organizadas* (30,9%) e tem *habilidade* (23,8%) para realizar essa tarefa. Isso reforça a ideia que, no inconsciente coletivo, as tarefas domésticas são função das mulheres.

Também para elas os homens *não têm habilidade* para cozinhar (19%), enquanto a mulher é *habilidosa* (67,1%) e *jeitosa* (28,5%) para exercer essa atividade. É inegável que, em termos gerais, existam características distintas em grupos masculinos e femininos, ou seja, "[...] imbricadas nas diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas" (SOUSA & ALTMANN, 1999, p. 54). É também evidente que tais características são estimuladas na infância através das brincadeiras. Como Pereira (2004, p. 46) afirma: "Observa-se que o lúdico abre um espaço para que o comportamento sexista apareça". Posteriormente, características são produzidas e apropriadas por determinadas atividades, surgindo concomitantemente, um processo de direcionamento de pessoas a determinadas profissões, calcado em uma ideologia altamente estereotipada.

Segundo as meninas, a mulher também deve cuidar dos filhos por ser *carinhosa* (23,8%), *paciente* (38%) e ter *instinto maternal* (23,8%), bem como cuidar dos irmãos, também porque é *paciente* (33,3%) e *cuidadosa* (23,8%). Nesse contexto as alunas isentam o homem de tarefas relacionadas ao cuidado com crianças. Apresenta-se aqui o "mito do amor materno" (BADINTER, 1985), cuja maternidade é de natureza e necessária para as mulheres. Porém, cuidar da prole não é



um determinismo inerente apenas à mulher, mas ainda existe no inconsciente das meninas participantes deste estudo, o entendimento de que a tarefa de cuidar das crianças é exclusivamente do sexo feminino.

Para as respostas sem muita explicação como: “_sempre vejo as mulheres”, “_mulher é que tem que fazer”, dentre outras, foi criada a categoria *senso comum*.

As meninas também consideram lavar louça uma tarefa para mulher, pois os homens são muito *brutos* (28,5%) e não tem *habilidade* (19%), com 42% da amostra tendo justificado as respostas com base no senso comum, pois “tarefa de casa, mulher faz mais”, e 30,9% acham a mulher mais *habilidosa* para lavar louça e para lavar o banheiro (28,5%).

A atividade de lavar roupa é feminina porque os homens são *inábeis* (28,5%). Já as mulheres sempre fazem, pois apresentam mais *habilidade* (40,4%) e “preferem lavar as roupas para não estragar”. Para tirar pó dos móveis os homens são *brutos* (19%) e as mulheres têm mais *habilidade* (23,8%), assim como para varrer a casa (30,9%).

Percebe-se que as meninas consideram as mulheres mais habilidosas para o desempenho de afazeres domésticos, ou seja, para a ocupação do espaço privado e para as atividades subservientes. Possivelmente, esse entendimento se deva à forma como são educadas na família e observam os seus irmãos ou o pai realizando atividades fora de casa, como: comprar, passear com o cachorro, enquanto as mulheres cuidam dos afazeres domésticos. A escola também desempenha um importante papel na implantação de ideologias sexistas, como afirma Finco (2003, p.93): “muitas pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos”. Acreditamos que qualquer pessoa pode aprender as atividades do lar, desde que quera, não sendo necessariamente um atributo exclusivamente feminino.

3.2- Respostas dos meninos

Os 40 meninos, ao serem questionados sobre as atividades cotidianas desempenhadas pelos homens, apresentaram as justificativas que foram interpretadas e relacionadas aos estereótipos masculinos e femininos.





Quadro 2: Atividades tipificadas por sexo de acordo com os meninos

Atividades cotidianas masculinas	Ocorrências	%	Atividades cotidianas femininas	Ocorrências	%
Capinar	31	77%	Arrumar a casa	21	52%
Comprar pão	25	62%	Cozinhar	16	40%
Jogar o lixo fora	20	50%	Cuidar dos filhos	37	92%
Lavar o banheiro	10	25%	Cuidar dos irmãos	14	35%
Limpar o quintal	14	35%	Lavar louça	32	80%
Pagar as contas	25	62%	Lavar a roupa	22	55%
Passar com o cachorro	5	12%	Passar a roupa	21	52%
			Varrer a casa	9	22%
			Tirar pó dos móveis	23	57%

Os meninos participantes da pesquisa apresentaram como tarefas masculinas as atividades de capinar, comprar pão, jogar o lixo fora, lavar banheiro, limpar o quintal, pagar as contas e passear com o cachorro. Mais uma vez se confirma que, no entendimento dos participantes, as atividades do espaço público devem ser realizadas pelos homens. A única atividade cotidiana que não se refere ao espaço público, de acordo com os meninos, é lavar banheiro.

As atividades cotidianas mais votadas pelos meninos e percebidas apropriadas para o sexo masculino foram: capinar (77%), comprar pão e pagar as contas, ambas com 62% das ocorrências; e as mais apontadas ao sexo feminino foram: cuidar dos filhos (92%), lavar louça (80%), lavar roupa (55%) e tirar pó dos móveis (57%). De acordo com as respostas supõe-se que os meninos participantes do estudo consideram o homem como o provedor da família, enquanto a mulher a cuidadora do lar.

De acordo com os dados do IBGE (Mulher no mercado de trabalho: Perguntas e respostas, 2012) 45,3% da população feminina brasileira exercem atividades remuneradas. Entre os homens, esse percentual passou para 63,4%. Porém, os resultados apontam que mulheres que exercem o mesmo cargo que homens ganham menos. Em média, as mulheres receberam 72,3% do salário dos homens.

Então, apesar de muitas mulheres na atualidade desempenharem atividades laborais fora do ambiente doméstico e, na maioria das vezes, seus salários são fundamentais para o provimento da família, ainda persiste o entendimento de que sua tarefa fundamental é a de manter a ordem da casa e cuidar dos filhos.

Em relação aos estereótipos masculinos apresentados pelos meninos para atividades cotidianas, observamos: *força* (55%) e *habilidade* (47,5%), evidenciando a virilidade. Também apresentaram a percepção de que o homem deve ser o provedor da família (40%).



Em contrapartida, os meninos apontaram como estereótipos femininos: *fraca*, (21,4%), *frágil* (32,5%), *delicada* (37,5%), *fresca* (30%) e *vaidosa* (42,5%). Observa-se que “[...] desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado, que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao sexo” (Pereira e Mourão, 2005, p.206).

Observamos que os estereótipos masculinos apontados pelas meninas foram mais depreciativos do que os estereótipos femininos apontados pelos meninos. As meninas consideram os homens *fortes e habilidosos*, porém *malandros, desocupados, mulherengos, desorganizados, bagunceiros e brutos*. Observamos seis estereótipos negativos e apenas dois positivos imputados aos homens. Já os atributos femininos apresentados pelos meninos foram no sentido inverso, ou seja, três negativos: *fraca, frágil e fresca*, contra oito considerados positivos: *vaidosa, delicada, organizada, habilidosa, paciente, maternal, cuidadosa e jeitosa*.

Ferreira (1996) apresenta o estereótipo como uma forma simplificada de entendimento das coisas, formada a partir de generalizações nem sempre fidedignas sobre grupos ou categorias de pessoas. Então, se desde cedo as crianças vão entendendo como devem ser e agir perante a sociedade e observam as pessoas a sua volta perpetuando determinados padrões, terão grande chance de incorporar esses modelos. É bem provável que isso tenha influenciado as respostas da amostra desse estudo, pois os estereótipos de gênero são incorporados mais acentuadamente durante os primeiros anos escolares e de vivências familiar. As crianças do estudo perceberam os traços positivos que caracterizam o seu próprio sexo e os negativos que caracterizam o sexo oposto, principalmente, no entendimento das meninas. As crianças parecem ser afetadas pela consciência dos atributos do seu próprio sexo desde muito tenra idade, pelo reforço dos pais na modelagem do comportamento de acordo com seu sexo, especialmente para o menino. Essa exigência está muito presente na figura do pai. Talvez por isso os estereótipos masculinos se desenvolvam antes e sejam menos flexíveis do que os femininos.

Mulheres e homens adquirem características, de acordo com o gênero, que orientam os julgamentos das pessoas. Ferreira (1993) descreve várias pesquisas realizadas sobre estereótipos, que apresentam atributos mais frequentes em mulheres, como: capacidade de expressão, dependência, fragilidade, elegância e calor humano; e nos homens, qualidades ligadas à competência, liderança, independência, coragem e racionalidade. A autora complementa que há uma tendência em apontar -traços relativos à ação e realização ligados ao sexo masculino e traços



relativos ao contato com os outros como características femininas .

Portanto, os resultados encontrados na presente pesquisa corroboram a discussão do referencial teórico sobre a incorporação dos estereótipos de gênero durante a infância.

4- Conclusões

O estudo ofereceu oportunidade de investigação a respeito dos estereótipos de gênero nas atividades cotidianas na percepção de crianças e jovens de escolas públicas e particulares do estado do Rio de Janeiro, cujos resultados oferecem a possibilidade de melhor investigar a incorporação de características masculinas e femininas em homens e mulheres na nossa sociedade.

Com esse trabalho pudemos observar que ainda persistem no inconsciente coletivo alguns estereótipos negativos em relação à mulher. Isso se apresentou tanto nas respostas das meninas quanto nas dos meninos.

Também detectamos que as atividades domésticas estão direcionadas às mulheres, enquanto as que representam a virilidade, força e a coragem estão relacionadas aos homens.

Observamos também que a escola continua dando pouca atenção às questões relacionadas aos papéis sociais de homens e mulheres e, conseqüentemente, aos preconceitos imputados a fatores completamente sem fundamento, ligados às crenças que estão sendo reproduzidas de geração em geração.

Há que se discutir mais sobre as relações de gênero no ambiente escolar para que se tente desconstruir determinados padrões estereotipados ancorados no preconceito, incorporados ao senso comum e que são difundidos pela família, pelos educadores e pela escola, mas que não apresentam qualquer fundamento nem justificativa.

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

COUTINHO, Maria Lucia Rocha. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens



brasileiros reconfiguram identidades. **Psicologia clinica**. psi.puc-rio.br. Rio de Janeiro, 2000.

FERREIRA, Maria Cristina. Estereótipos de gênero: estrutura interna e conteúdo. **Arq. Bras. Psicologia**, v. 45, n. 2, p. 42-54, 1993.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-posições*, v.14, n. 3. (42), 2003.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). Mulher no mercado de trabalho: Perguntas e respostas, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf. Acessado em: 9/05/2013.

MURARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins. **O sexismo nas aulas de educação física**: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. 2004. 182 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, Sissi A. M.; MOURÃO, Ludmila. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Revista motriz**, nº3, 2005.

PEREIRA, Sissi A. M. Ginástica Rítmica só para mulheres? *In*: POLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2009, p. 401-439.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. **Cadernos de Pesquisa**. n.91, p.46-53. São Paulo, 1994.

SILVA, Simone B. **A construção do corpo na mídia semanal**. 2007. 119p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em comunicação, PUC, São Paulo, 2007.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**. nº 48, 1999.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007, 250 p.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen. **Método de pesquisa em atividade física**. 6a. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2012, 478 p.

